



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### IPCA-15 de fevereiro deve mostrar que inflação segue acomodando, mas em nível ainda alto

**Em semana encurtada pelo feriado de Carnaval, o destaque da agenda econômica será a prévia da inflação (IPCA-15) de fevereiro, que será conhecida nesta sexta (24).** O indicador deve mostrar alta de 0,72%, pressionado pelos reajustes das mensalidades escolares, típicos para o mês, além do aumento da gasolina (alta de 7,4% nas refinarias em janeiro). Apesar de tais pressões, a expectativa é que as principais medidas de núcleo sigam em acomodação, embora em nível ainda elevado. Em 12 meses, o IPCA-15 deve desacelerar de 5,87% para 5,60%, dando continuidade ao processo de desinflação neste início de ano.

**A semana também traz algumas sondagens de confiança da FGV, números do setor externo e, possivelmente (sem data), os dados de arrecadação de impostos.** O mercado estará atento ao resultado das sondagens de confiança (consumidor e construção) de fevereiro, que têm mostrado uma piora relevante, especialmente quanto à situação atual pela ótica dos empresários, fato que tem reforçado a leitura de enfraquecimento da atividade. Quanto às contas externas, o BC informa o resultado da balança de transações correntes de janeiro, que deve mostrar déficit de US\$ 8,3 bi, um pouco melhor do que o apresentado em jan/22 (US\$ -9,3 bi), devido à melhora da balança comercial no período (resultado já conhecido). Já a Receita Federal pode divulgar o resultado da arrecadação federal de impostos de janeiro, cuja expectativa é de arrecadação de R\$ 249,8 bi, mês tipicamente favorecido pela elevada arrecadação com IRPJ e CSLL, mas que equivale a uma alta real de apenas 0,3% ante janeiro de 2022, afetada pela perda de tração da atividade.

**No cenário internacional, os investidores seguirão atentos aos próximos passos do Fed e serão munidos de novas informações com a divulgação da Ata do Fomc (na quarta-feira, dia 22), referente ao encontro do início do mês.** Na reunião, a autoridade reduziu o ritmo do aperto monetário para +0,25 pp, levando os juros para o intervalo entre 4,50% a 4,75% aa. A principal discussão é o grau de resiliência da atividade e da inflação nos EUA, que serão determinantes para projetar o aperto monetário adicional que o Fed terá que implementar nas próximas reuniões. A leitura que o Fed terá que ser mais agressivo em seu processo de aperto monetário pesou negativamente nos mercados internacionais na segunda e principalmente ontem, fato que pode impactar o mercado local hoje.

**Ainda nos EUA, durante o restante da semana serão divulgados vários indicadores de atividade, que serão importantes para indicar se, de fato, a economia do país ganhou ímpeto neste começo de ano, como tem mostrado os dados deste início de ano.** Na sexta (24), serão conhecidos os dados de renda e gastos pessoais, cuja expectativa é de um crescimento vigoroso em janeiro, de 1,0% e 1,4%, respectivamente, em linha com a forte alta verificada nas vendas no varejo no período (+3,0%). Ainda, ao longo da semana, serão divulgados dados do setor imobiliário, de confiança dos consumidores e a 2ª prévia do PIB do 4º trimestre. Vale citar que ontem foram conhecidas as prévias dos índices PMIs (manufatura e serviços) do mês de fevereiro, que apresentaram melhora ante janeiro e vieram acima do esperado, fato que contribuiu para o aumento da aversão ao risco nos mercados, dado que reforçou a percepção de ganho de tração da atividade (e conseqüentemente, necessidade de maior aperto monetário).

**Na Zona do Euro, destaque para a leitura final da inflação de janeiro, que deve desacelerar para uma alta de 8,6%, no acumulado em 12 meses (ante 9,2% em dez/22), diante da acomodação do custo da energia na região.** Adicionalmente, as prévias de fevereiro dos índices PMI trouxeram sinais mistos, com melhora dos serviços, mas piora da indústria.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com a respectiva data de divulgação e a projeção do mercado.



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
24/fev	IBGE: IPCA-15	Fev/23	0,72% m/m 5,60% a/a	0,55% m/m 5,87% a/a
24/fev	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Jan/23	US\$ -8,3 bi	US\$ -10,9 bi
24/fev	FGV: Sondagens de Confiança – Consumidor e Construção	Fev/23	-	85,8 pts; 93,6 pts
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Jan/23	0,3% a/a	2,5% a/a

Fonte: Bloomberg.

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/fev	China	Taxas Prime 1 ano e 5 anos	Fev/23	3,65% aa / 4,30% aa	3,65% aa / 4,30% aa
20/fev	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Fev/23 – prévia	-19,0 pts	-20,7 pts
21/fev	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Fev/23 – prévia	49,3 pts / 51,0 pts	48,8 pts / 50,8 pts
21/fev	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Fev/23 – prévia	47,2 pts / 47,3 pts	46,9 pts / 46,8 pts
21/fev	EUA	Vendas de Casas Existentes	Jan/23	2,0% m/m	-1,5% m/m
22/fev	EUA	Ata da última reunião do Fomc	01/Fev/23	-	-
23/fev	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jan/23 – final	8,6% a/a	9,2% a/a
23/fev	EUA	PIB	4º tri/22 – 2ª leitura	2,9% t/t (anualizado)	3,2% t/t (anualizado)
24/fev	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Jan/23	1,0% m/m 1,4% m/m	0,2% m/m -0,2% m/m
24/fev	EUA	Inflação – Índice PCE	Jan/23	5,0% a/a	5,0% a/a
24/fev	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Fev/23 – final	66,4 pts	64,9 pts
24/fev	EUA	Vendas de Casas Novas	Jan/23	0,7% m/m	2,3% m/m

Fonte: Bloomberg.

## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

## INDICADORES ECONÔMICOS

### Proxies do PIB reforçam acomodação no 4T22, mas apontam alta de 2,9% em 2022

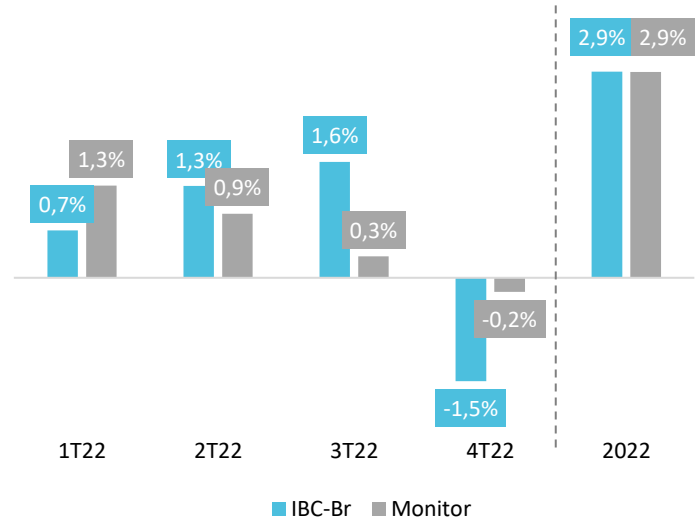
O Índice IBC-Br de Atividade Econômica do Banco Central, proxy mensal do PIB, cresceu 0,3% em dezembro, registrando expansão de 2,9% em 2022. O resultado do mês veio acima do esperado pelo mercado (+0,1%), impulsionado especialmente pelo bom desempenho do setor de serviços (+3,1%). A alta interrompeu uma sequência de duas quedas seguidas, mas não o suficiente para evitar a retração de 1,5% do indicador no 4º trimestre, reforçando a leitura de desaceleração em curso da economia.

Na mesma direção, o Monitor do PIB da FGV também cresceu em dezembro (+0,2%), registrando expansão de igual magnitude (+2,9%) em 2022. Apesar do desempenho positivo no mês, o Monitor também registrou retração no 4º trimestre (-0,2%), sugerindo, assim como o IBC-Br, uma desaceleração da economia no final do ano. Segundo a FGV, no acumulado do ano, o crescimento da atividade foi impulsionado pelo avanço do consumo das famílias (+4,0%), especialmente do consumo de serviços, beneficiado pela normalização das atividades e estímulos fiscais. Também houve crescimento da formação bruta de capital fixo (+1,1%) e contribuição positiva do setor externo, com alta de 6,0% das exportações e de 0,9% das importações. Como destaque negativo, a FGV apontou a retração do consumo de bens duráveis, mais dependentes do crédito, afetados negativamente pela elevação dos juros (Selic).

Em resumo, ambos os índices reforçaram a leitura de acomodação da atividade, com possibilidade do PIB registrar ligeira retração no último trimestre do ano. Ainda assim, os indicadores seguem compatíveis com uma alta na faixa de 2,9% a 3,0% do PIB em 2022.

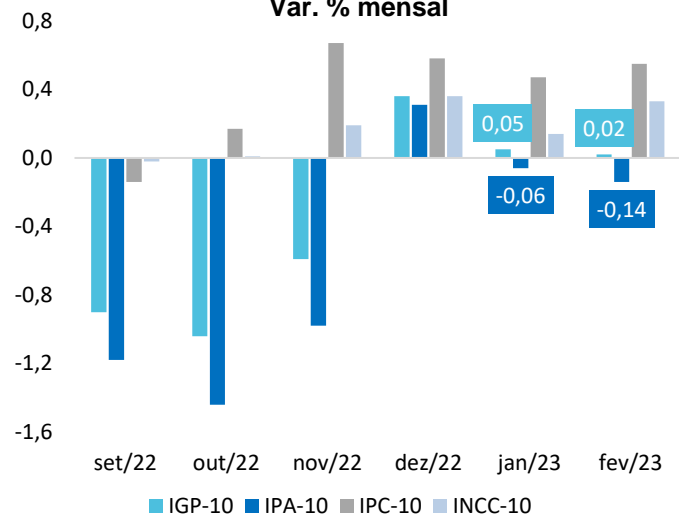
Em relação à inflação, a FGV informou que o IGP-10 voltou a ficar praticamente estável em fevereiro (+0,02%), mantendo os sinais de acomodação da inflação neste início do ano. O resultado segue influenciado pela descompressão dos preços no atacado (-0,14%), com recuo de importantes *commodities*, como soja e bovinos, e de insumos agropecuários (adubos e fertilizantes). Tal movimento tem contribuído para que o índice siga acomodando em 12 meses, atingindo 2,26% em fevereiro (ante 4,27% em jan/23), menor patamar desde abr/18 (+1,30%).

Quadro 1: IBC-Br e Monitor do PIB  
Var.% trimestral (T/T-1) e Var.% Anual



Fonte: BCB e FGV

Quadro 2: FGV: IGP-10 e Aberturas –  
Var. % mensal



Fonte: FGV

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Dados de inflação, atividade e pronunciamentos de dirigentes do Fed elevam aversão ao risco

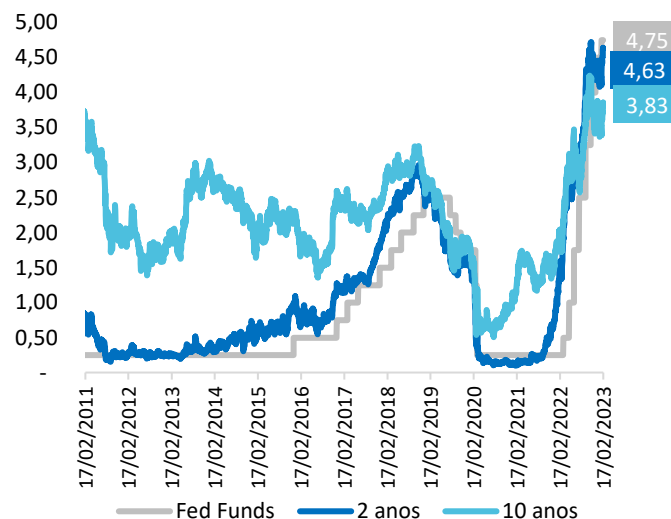
A semana foi marcada pelo aumento da aversão ao risco nos mercados internacionais, após dados reforçarem a persistência da inflação (especialmente no atacado) e a resiliência do consumo nos EUA. Adicionalmente, dois dirigentes do Fed, que não possuem voto no Comitê neste ano, afirmaram que apoiaram uma alta de 0,5 pp em fevereiro, quando a autoridade monetária reduziu o aperto para 0,25 pp, e, ainda, um deles (James Bullard) afirmou que provavelmente apoiará uma alta de 0,5 pp na reunião de março, dado que entende que será uma batalha longa contra a inflação. Embora os agentes continuem apostando em uma nova alta de 0,25 pp no próximo encontro, agora precificam 3 altas de 0,25 pp (ante 2 até então) e um aperto monetário mais duradouro, o que penalizou as bolsas e elevou o rendimento das *Treasuries* para os maiores níveis do ano.

A inflação ao consumidor (CPI) subiu 0,5% em janeiro nos EUA, em linha com o consenso de mercado. A alta foi puxada pelos preços de energia, como gás encanado (+6,7%) e gasolina (+2,4%), bem como serviços médicos (+1,1%). Com isso, o CPI acumulado em 12 meses atingiu 6,4%, com leve desaceleração ante o mês anterior (+6,5%). Já os preços ao produtor (PPI) surpreenderam de forma negativa ao subir 0,7% em jan/23 (ante expectativa de 0,4%), indicando maior pressão de custos do atacado para o varejo nos próximos meses.

No âmbito da atividade, as vendas no varejo sinalizaram uma resiliência maior da economia norte-americana ao subir 3,0% no mês de janeiro, bem acima da expectativa (+1,9%), correspondendo a maior alta desde mar/21, puxada pelas vendas das lojas de departamento e restaurantes. Após a queda no final de 2022, o setor segue sustentado por um mercado de trabalho forte, alta dos salários e alívio inflacionário. Por outro lado, a indústria registrou estabilidade no mês, abaixo da alta de 0,5% que era esperada, completando o 4º mês sem registrar crescimento. No mês, pesou o desempenho negativo do setor de *utilities* (-9,9%). No setor imobiliário, os indicadores também vieram abaixo do esperado para o mês de janeiro. Houve queda (-4,5%) na construção de casas novas e relativa estabilidade (+0,1%) na emissão de alvarás para novas construções.

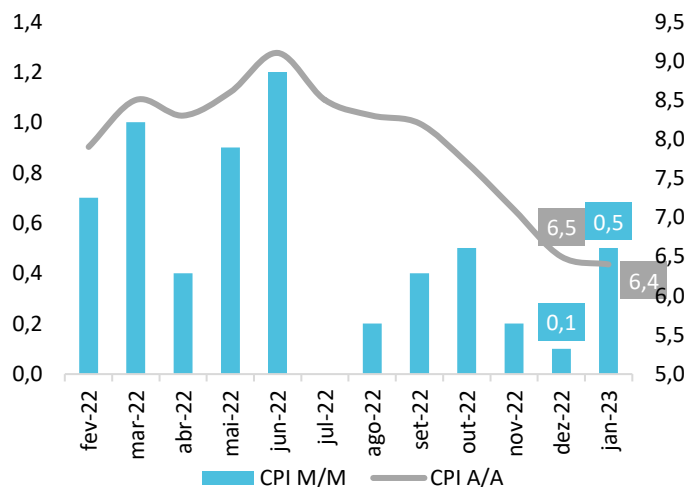
Por fim, na Zona do Euro, a segunda leitura do PIB do 4T22 confirmou a estimativa anterior ao registrar uma ligeira expansão (+0,1%) ante o período anterior, confirmando que o bloco evitou uma retração no final do ano passado. A produção industrial de dezembro caiu 1,1% no mês, mais que o esperado (-0,8%) puxada para baixo pelos bens intermediários.

**Quadro 3: EUA – Fed Funds Rate e Taxas de Juros das Treasuries de 2 e 10 anos – Em % aa**



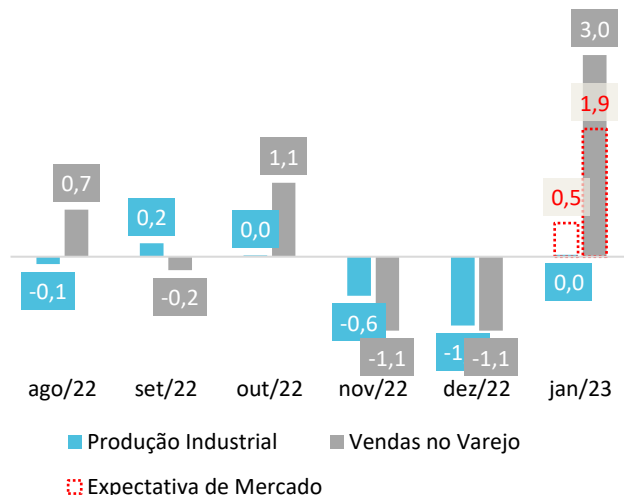
Fonte: Bloomberg.

**Quadro 4: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % m/m e a/a**



Fonte: Bloomberg.

**Quadro 5: EUA – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m**



Fonte: Bloomberg.

## Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

## CRÉDITO / BANCOS

### Crédito deve recuar em janeiro, impactado por questões sazonais

O saldo total de crédito deve retrair 0,8% em janeiro, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Esta será a primeira retração mensal após 11 meses seguidos de expansão. O resultado do mês possui forte componente sazonal, com típica retração das operações para as empresas, principalmente com recursos livres.

O resultado deve fazer com que o ritmo de expansão anual da carteira siga perdendo ímpeto, passando de 14,0% para 13,1%, refletindo o arrefecimento da atividade, condições financeiras mais restritivas e o aumento da inadimplência.

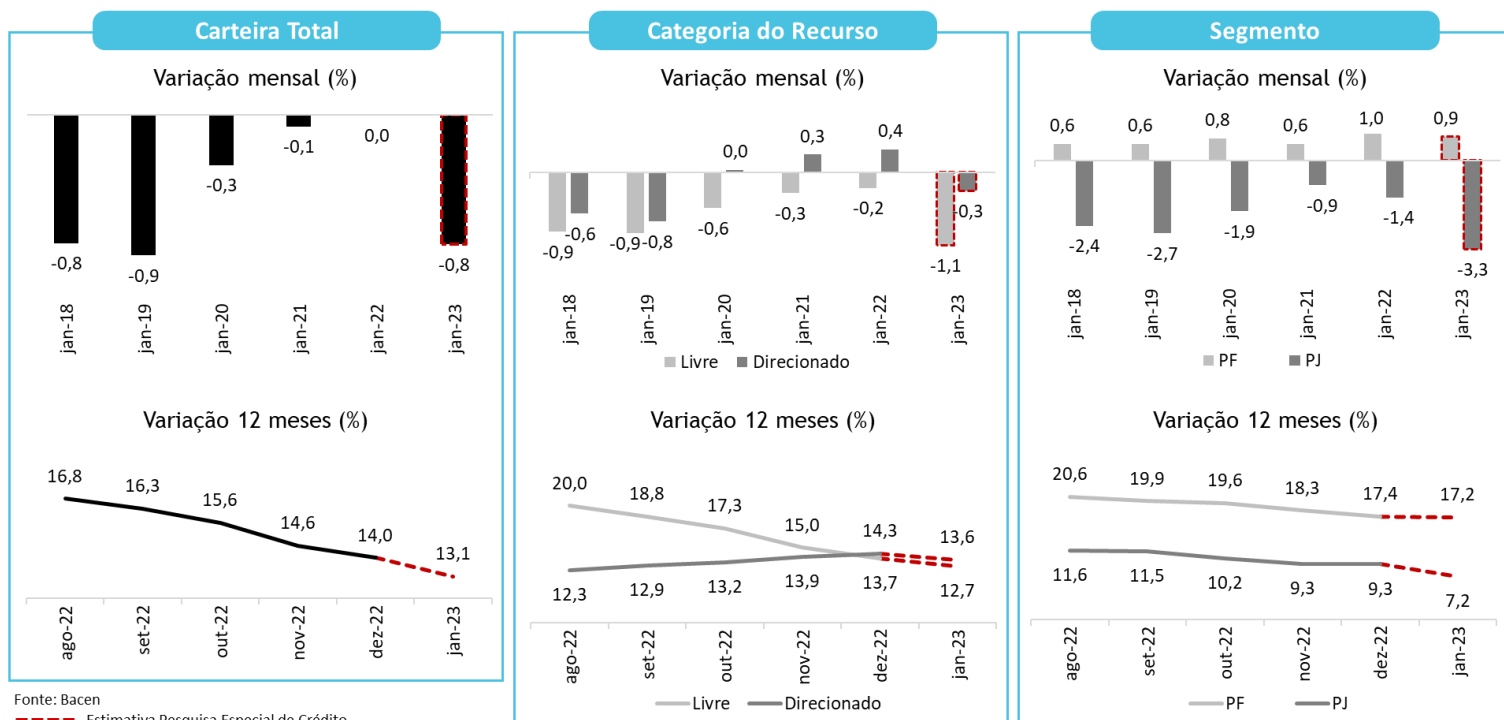
No mês, o recuo deve ser liderado pela carteira PJ, que deve apresentar retração de 3,3%. O maior impacto deve vir da carteira livre (-3,9%), afetada pela sazonalidade negativa das linhas de fluxo de caixa (desconto de duplicatas e antecipação de faturas), diante do menor movimento do comércio no início do ano. Já a carteira direcionada deve recuar 2,1%, com o resultado também afetado por questões sazonais. Com o resultado, o saldo da

carteira de crédito PJ deve desacelerar sua taxa de expansão, de 9,3% para 7,2%.

Por outro lado, a carteira de crédito com recursos destinados às famílias devem manter a tendência de expansão e crescer 0,9% no mês. O melhor resultado deve vir da carteira livre (+1,0%), impulsionada pelas linhas de crédito pessoal e rotativas, usualmente mais acionadas nesta época do ano, embora compensadas, em parte, pela acomodação do consumo após os eventos de fim de ano. Já a expectativa para a carteira direcionada é de alta de 0,7% para o mês. Neste caso, a expansão da carteira PF deve ficar praticamente estável em 17,2% (ante 17,4% em dezembro).

No geral, a leitura de janeiro deve sinalizar uma acomodação do avanço do crédito, reforçando a perspectiva de um crescimento nominal mais modesto da carteira em 2023, próximo a 8,0%, após três anos de expressivo crescimento. Além da manutenção da taxa Selic em elevado patamar, a desaceleração da atividade, a inflação ainda alta e a piora dos índices de inadimplência justificam tal arrefecimento.

**Quadro 6: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito**



## Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa aponta que estas devem apresentar retração mensal de 11,7% em janeiro, também refletindo em grande parte a sazonalidade negativa do período, além da piora das condições econômicas.

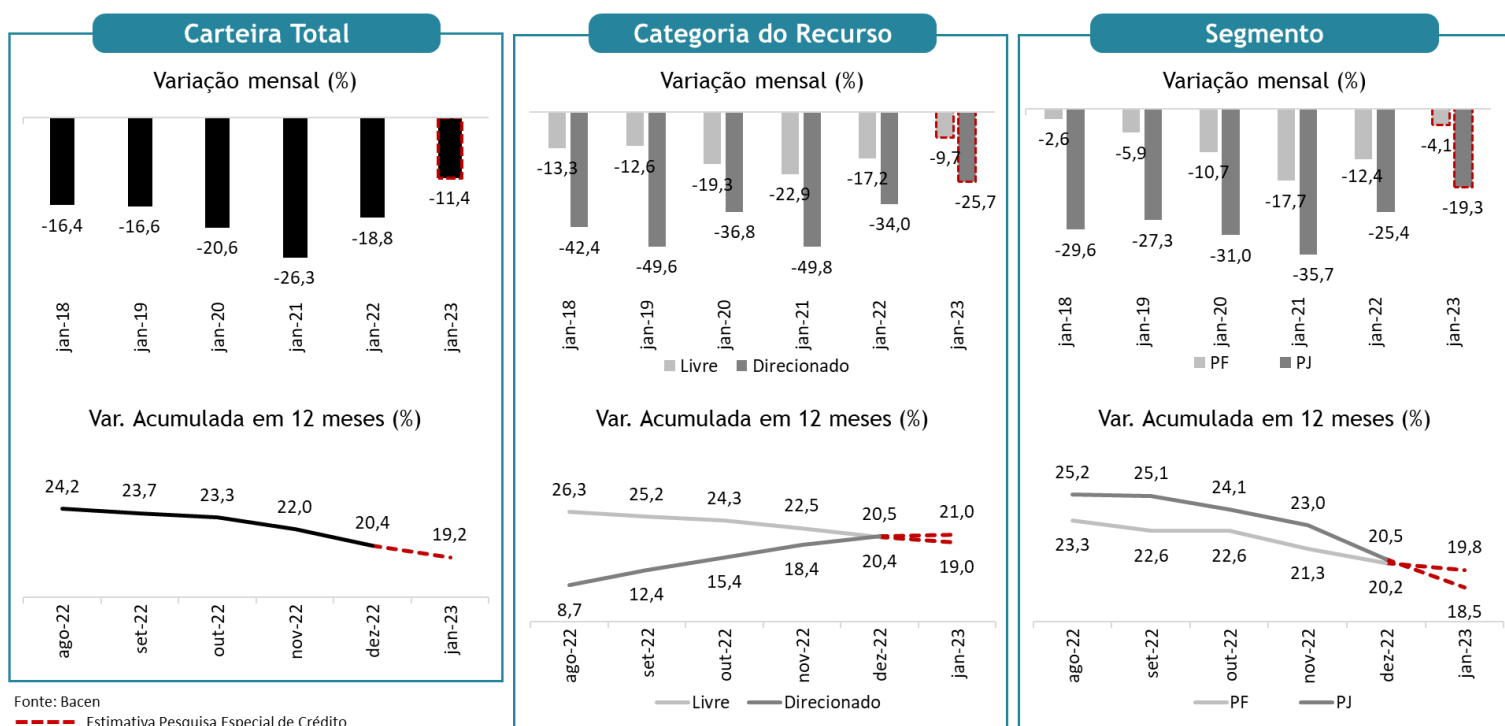
Na visão acumulada em 12 meses, no entanto, o volume de concessões segue robusto, com expansão de 19,2%, embora mantendo a tendência de acomodação vista nos últimos meses (+20,4% em dez/22).

No mês, as concessões com recursos livres devem retrair 9,7%, afetada pelas questões sazonais das linhas ligadas ao comércio (compras de Natal e eventos de fim de ano que inflam a base de

comparação). Já as concessões direcionadas devem apresentar retração de 25,7%, também afetadas pelo menor volume de desembolsos relacionados aos programas públicos de crédito.

A Nota de Política Monetária e Crédito será divulgada pelo Banco Central na próxima segunda-feira, 27 de fevereiro. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

**Quadro 7: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito**



## Resultado Corporativo 2022 Banco do Brasil

## CRÉDITO / BANCOS

O Banco do Brasil (BB) registrou lucro líquido ajustado de R\$ 9,0 bilhões no 4º trimestre de 2022, alta de 6,5% no trimestre e de 61,2% ante o 4T21, superando as expectativas do mercado (R\$ 8,2 bi). O resultado positivo decorreu do avanço da margem bruta, que cresceu 9,7% no trimestre, em função de melhores resultados da tesouraria (+7,7%) e com operações de crédito (+7,0%). Por outro lado, o BB também reportou forte alta dos gastos com PDD (+44,7%) no período, impactado pela provisão de 50% de sua exposição (valor de R\$ 788 mi) nas Lojas Americanas.

No acumulado de 2022, o BB registrou lucro líquido ajustado de R\$ 31,8 bi, uma alta expressiva de 51,3% em relação a 2021. Com isso, a rentabilidade (ROAE) da instituição atingiu 21,2% (+ 5,3 pp). O bom desempenho do BB no ano refletiu, especialmente, a expansão da margem financeira (+23,8%), que contou com o aumento da receita de tesouraria (+116,0%) e das operações de crédito (+43,7%), que mais compensaram as despesas de captação comercial (+158,4%) e com PDD (+27,8%).

Além disso, em 2022 também houve melhora das receitas de prestação de serviços (+10,2%), puxadas por seguros (+14,6%) e administração de fundos (+11,8%). As despesas, por sua vez, permaneceram controladas, aumentando 5,6% no ano, puxadas pelo aumento dos gastos com pessoal (+6,7%). Com isso, o índice de eficiência (quanto menor, melhor) caiu de 35,6% para 29,4% em 2022, atingindo um novo recorde positivo do indicador (desde 2014).

A carteira de crédito ampliada do BB cresceu 14,8% em 2022 e atingiu R\$ 1,004 tri, se tornando o 2º banco a ultrapassar a marca de R\$ 1 tri. O crescimento foi disseminado nos segmentos, liderado pela carteira rural (+24,9%), com desempenho bastante positivo das linhas vinculadas ao investimento (+54,6%) e custeio agropecuário (46,5%). Também houve expansão no crédito PJ (+12,8%), com destaque para a carteira destinada às MPMEs (+21,2%). No caso da carteira PF, a expansão foi de 9,0%, puxada pelas linhas mais arriscadas e rentáveis, assim como seus pares, como empréstimo pessoal (+18,0%) e cartão de crédito (+14,5%). Quanto à qualidade da carteira, a taxa de inadimplência (acima de 90 dias) subiu 0,17 pp no trimestre e 0,76 pp no ano totalizando 2,5% da carteira. Apesar disso, o indicador segue em baixo nível, inferior ao patamar pré-pandemia (3,3% no 4T19). O índice de cobertura da IF caiu para 227,1% (ante 325,0% em 2021), mas ainda elevado, sinalizando que o BB está bem provisionado caso haja continuidade do movimento de piora da inadimplência.

Por fim, o banco divulgou seu *guidance* para 2023. O BB espera um crescimento de 8% e 12% de sua carteira de crédito (ante 17,0% em 2022, desconsiderando a carteira destinada para o governo e externa, que não entra em suas projeções). Ainda, a IF espera um lucro líquido entre R\$ 33,0 bi a R\$ 37,0 bi (ante R\$ 31,8 bi), decorrente de um crescimento de 17,0% a 21,0% da margem bruta e gastos com PDD entre R\$ 19 bi a R\$ 23 bi (ante R\$ 16,7 bi) registrado em 2022.

### Quadro 8: Resultado 2022 – Banco do Brasil

Banco do Brasil - R\$ Mi	2021	2022	Var. % 12 m
<b>ITENS PATRIMONIAIS</b>			
Ativo Total	1.932.533	<b>2.028.958</b>	5,0%
TVM	350.181	<b>430.085</b>	22,8%
Depósitos	697.238	<b>777.184</b>	11,5%
Patrimônio Líquido	144.857	<b>163.588</b>	12,9%
<b>DRE<sup>1</sup></b>			
Margem Financeira Bruta	59.305	<b>73.397</b>	23,8%
Provisão p/ créditos de liquid. Duvidosa	-13.108	<b>-16.747</b>	27,8%
PDD - Risco de Crédito	-17.884	<b>-23.547</b>	31,7%
PDD - Recuperação de Crédito	7.808	<b>8.771</b>	12,3%
Receitas com Prestação de Serviços e Tarifas Bancárias	29.343	<b>32.333</b>	10,2%
Despesas Administrativas	-32.026	<b>-33.828</b>	5,6%
IR/CSLL	-6.080	<b>-10.195</b>	67,7%
Lucro Líquido Ajustado	21.021	<b>31.815</b>	51,3%
<b>RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE<sup>1</sup></b>			
ROAE	15,8%	<b>21,1%</b>	5,3 p.p.
ROAA	1,1%	<b>1,7%</b>	0,6 p.p.
Índice de eficiência	35,6%	<b>29,4%</b>	-6,2 p.p.
<b>CRÉDITO</b>			
Carteira de crédito ampliada <sup>3</sup>	874.906	<b>1.004.607</b>	14,8%
Interna	831.396	<b>957.859</b>	15,2%
PF	265.592	<b>289.614</b>	9,0%
PJ	317.780	<b>358.533</b>	12,8%
Agronegócios	248.023	<b>309.711</b>	24,9%
Externa	43.510	<b>46.749</b>	7,4%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,4%	<b>0,7%</b>	0,2 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	1,8%	<b>2,5%</b>	0,8 p.p.
Índice de Basileia	17,8%	<b>16,7%</b>	-1,1 p.p.
Cobertura > 90 dias	325,0%	<b>227,1%</b>	-97,9 p.p.

Fonte: BB RI. Elaboração: FEBRABAN. <sup>1</sup>Contábil <sup>2</sup>Anualizado <sup>3</sup>Inclui operações com TVM e garantias.

## Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Jan/23

## CRÉDITO / BANCOS

O mercado de capitais doméstico registrou R\$ 25,7 bilhões em novas emissões em janeiro, conforme relatório divulgado pela Anbima. O número representa uma queda de 66,0% ante dezembro, mas uma alta de 40,9% ante janeiro de 2022. As ofertas em análise e em andamento que não foram contabilizadas na divulgação totalizaram R\$ 19,2 bi. Vale notar que, aparentemente, o impacto do caso das Lojas Americanas foi baixo no segmento no mês, que naturalmente é o mais fraco do ano. Importante analisar o que acontecerá com o volume de emissões em fevereiro.

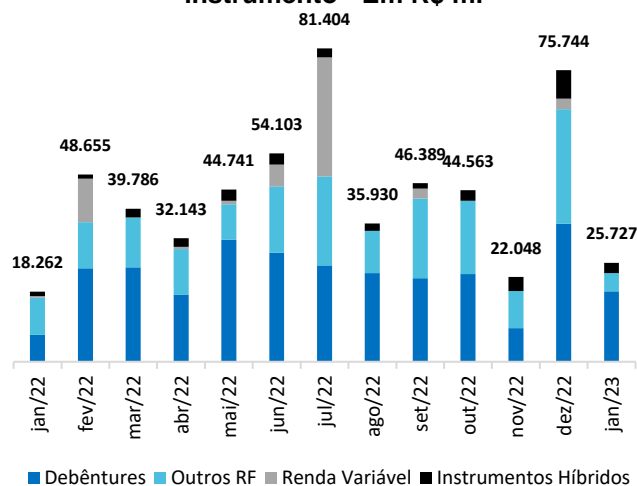
As emissões seguem concentradas nos instrumentos de renda fixa (89,7%), enquanto o restante (10,3%) veio da captação via instrumentos híbridos (FIIs e FIAGROs). Por outro lado, novamente não houve nenhuma captação através de instrumentos de renda variável (IPOs e *follow-ons*), diante da manutenção da taxa Selic elevada. O último IPO ocorreu em janeiro de 2022.

Detalhando os instrumentos, as emissões no mercado doméstico de capitais seguem lideradas pelas captações via debêntures (R\$ 18,3 bi), que representaram 71,2% do total e cujo volume foi 160,1% superior ao do mesmo mês de 2022. Com a alta da Selic, as empresas encontram no instrumento um meio de financiar suas operações, uma vez que há, na outra ponta, demanda por esse tipo de papel como forma de investimento. No Quadro 10, é possível verificar que o instrumento ganha relevância nas emissões conforme a taxa Selic aumenta (e vice-versa). Quanto à destinação dos recursos captados neste instrumento no mês, destaca-se o elevado percentual de empresas que apontaram que utilizarão tal recurso para refinarçar seu passivo (51,7%), em comparação à uma média bem mais baixa observada nos últimos anos (29,8% de 2016 a 2022).

Além das debêntures, foram captados R\$ 4,7 bi em outros instrumentos de renda fixa, com destaque para os FIDCs (R\$ 2,2 bi) e CRAs (R\$ 1,0 bi). Ainda, houve emissão de R\$ 2,6 bi em instrumentos híbridos, divididos entre FIIs (R\$ 1,5 bi) e os FIAGROs (R\$ 1,1 bi).

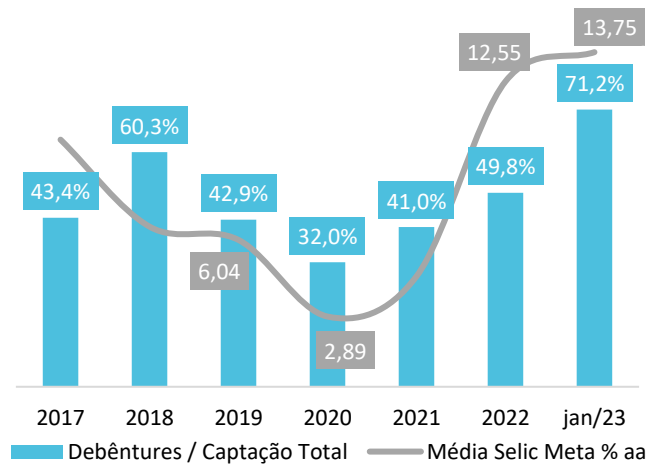
Em geral, o mercado de capitais não mostrou uma deterioração significativa no mês, como poderia se esperar diante da fraude contábil envolvendo as Lojas Americanas. Pelo contrário, o volume emitido no mês superou o de janeiro de 2022. Contudo, é importante esperar para ver os números dos próximos meses. De toda forma, diante das condições gerais da economia, a tendência é que as captações sigam concentradas nos instrumentos de renda fixa.

**Quadro 9: Captação no Mercado de Capitais por instrumento - Em R\$ mi**



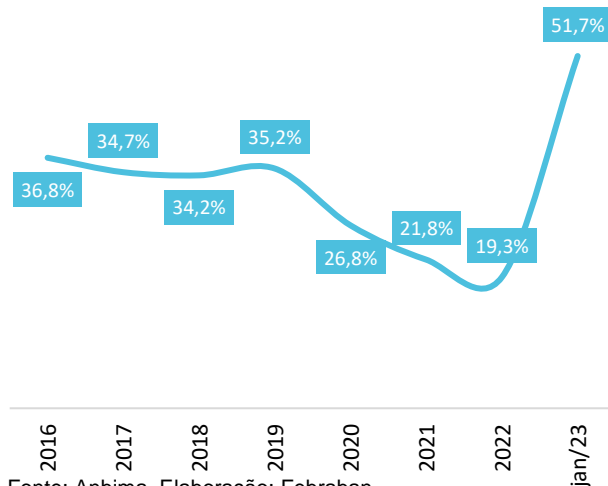
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 10: Participação das Debêntures na Captação Total (em %) vs Taxa Selic (% aa)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 11: Destinação das Debêntures para Refinanciamento do Passivo – Em %**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



**Regulação - Conselho Monetário Nacional (CMN)****CRÉDITO / BANCOS**

O Conselho Monetário Nacional (CMN) realizou sua primeira reunião do ano e com nova composição (Fazenda, Planejamento e BCB). O encontro foi cercado de interesse nos últimos dias pela possibilidade de discussão (e revisão) das metas de inflação. Porém, antes mesmo do encontro, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, já havia informado que tal discussão não estava na pauta. Além de Haddad e do presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, que ocupa o cargo desde 2019, completa a formação do CMN a ministra do Planejamento, Simone Tebet. Na reunião, o CMN aprovou o balanço do Banco Central referente ao ano de 2022, e ainda editou 3 resoluções. A seguir, as resoluções e os respectivos links para leitura do conteúdo completo:

**[Resolução CMN nº 5.060, 16/2/2023](#) – Atualiza e consolida regulamentação sobre a organização e o funcionamento dos bancos comerciais e dos bancos múltiplos**

Segundo nota do BCB, os “bancos de bolsa”, bancos comerciais sob controle societário de bolsa de valores, de bolsa de mercadorias e futuros ou de bolsa de valores e de mercadorias e futuros, passarão a poder emitir certificados de depósito de valores mobiliários no âmbito de programas patrocinados de Brazilian Depositary Receipt (BDR), nos termos da regulamentação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), podendo exercer a função de liquidante e custodiante a investidores singulares.

A mudança possibilitará que investidores brasileiros tenham maior acesso ao mercado global de títulos e valores mobiliários sem a necessidade de manutenção de contas no exterior, entre outros.

**[Resolução CMN nº 5.061, 16/2/2023](#) – Regulamenta o funcionamento de confederações de serviços constituídas exclusivamente por cooperativas centrais de crédito**

**[Resolução CMN nº 5.062, 16/2/2023](#) – Altera a Resolução CMN nº 4.970, de nov/21, que trata sobre os processos de autorização relacionados ao funcionamento das IFs, em função das novas regulações ligadas às confederações de serviços, determinadas na resolução acima (nº 5.061).**



## MERCADOS E EXPECTATIVAS

Indicadores do Mercado	17/02/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,16	-2,13%	1,71%	-2,23%	-0,14%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	229,48	-1,80%	-0,76%	-9,67%	2,23%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,64	-0,07%	-0,08%	-0,09%	23,91%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,12	-1,87%	-2,66%	-2,48%	5,75%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,02	-2,15%	0,90%	2,97%	14,81%
Índice Ibovespa (em pontos)	109.176,92	1,08%	-3,75%	-0,51%	-3,83%
IFNC (setor financeiro)	10.319,75	1,96%	-0,80%	0,65%	-4,78%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	4,75	0,00%	5,56%	5,56%	1800,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,62	2,21%	9,90%	4,32%	214,89%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,81	2,22%	8,78%	-1,55%	94,48%
Dollar Index	103,86	0,22%	1,73%	0,33%	8,42%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.079,09	-0,28%	0,06%	6,24%	-6,88%
Índice de ações de bancos – EUA	119,97	0,40%	2,22%	5,15%	-8,22%
Índice Euro Stoxx 50	4.274,92	1,83%	2,68%	12,69%	3,93%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	116,60	3,21%	4,92%	21,64%	6,66%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	83,00	-3,92%	-1,76%	-3,39%	-10,72%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 Daniel Casula  
 João Vítor Siqueira